

Diego Rocha Medeiros Cavalcanti

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Mulheres nas águas: gênero e mudanças sociais na pesca artesanal entre Paraíba e Pernambuco¹

¹ “Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.”;

Resumo

As atividades pesqueiras estão passando por um processo de negatividade. A poluição, a exploração desordenada dos recursos pesqueiros e a falta de financiamento da produção, concorrem para a diminuição da produção pesqueira e para a negatividade com que tem se encarado toda cadeia produtiva da pesca do tipo artesanal no âmbito da comunidade de Costinha, na Paraíba, e na região do estuário do rio Goiana, divisa entre os estados de Pernambuco e Paraíba. A instabilidade da atividade em si, dado o caráter da imprevisibilidade que a pesca artesanal impõe, aparece como a variável mais nociva à reprodução social dos pescadores dessas duas comunidades.

A despeito de todas as dificuldades encontradas para a reprodução social do pescador, uma variável nova e bastante singular surge na análise das atividades pesqueiras em Costinha e Acaú. O elemento feminino em um universo simbólico marcado pela predominância do homem e da masculinidade.

Palavras chaves: **Pesca feminina, Pesca masculina, Gênero.**

Introdução

Os problemas enfrentados por comunidades litorâneas que têm na pescaria sua atividade produtiva por excelência vêm causando uma desarticulação da pesca artesanal no sentido de que a reprodução social desta categoria, os pescadores artesanais, passa por um período de mudanças, questionamentos e redefinições por parte dos que a praticam. O conceito de pesca artesanal aqui utilizado vem de Maldonado (1994) e Diegues (1983). A maior parte das comunidades litorâneas do Brasil desenvolve o que se chama de pesca artesanal. Esta categoria de pesca, a artesanal, é importante neste trabalho, por ser representativa do modo de vida da maioria dos pescadores brasileiros. *Os pescadores artesanais* seriam aqueles que “têm seu modo de vida assentado principalmente na pesca, ainda que exerçam outras atividades econômicas, como o extrativismo vegetal, o artesanato e a pequena agricultura; (...) a produção pesqueira é em parte consumida pela família e em parte comercializada. A unidade de produção costuma ser a família, incluindo na tripulação conhecidos e parentes longínquos”. (Diegues & Arruda 2001: 48-49). A categoria *pesca artesanal* comporta muitos “tipos” e se diferencia de lugar para lugar. A construção de *sua identidade*, de seu *Habitus* e de seu *Ethos* responde objetivamente a uma série de fatores. Como clima, espécie procurada, se a pesca se realiza durante o dia ou à noite, se o pescador possui aparatos técnicos apropriados ou não, se a pesca se dá no rio ou no mar, além de todos os elementos mais diretamente ligados às relações de produção (propriedade dos meios de produção, relações de trabalho, etc.). Todas essas variáveis concorrem para diferenciação social pelo trabalho na pesca, que sob a semântica da categoria “pesca artesanal”, encerra uma gama de atividades praticadas nos mares, rios, lagos e mangues.

As atividades pesqueiras estão passando por um processo de negatividade. A poluição, a exploração desordenada dos recursos pesqueiros e a falta de financiamento da produção, concorrem para a diminuição da produção pesqueira e para a negatividade com que tem se encarado toda cadeia produtiva da pesca do tipo artesanal no âmbito da comunidade de Costinha, na Paraíba, e na região do estuário do rio Goiana, divisa entre os estados de Pernambuco e Paraíba. A instabilidade da atividade em si, dado o caráter da imprevisibilidade que a pesca artesanal impõe, aparece como a variável mais nociva à reprodução social dos pescadores dessas duas comunidades. A busca por estabilidade tem sido a tônica. Esta busca pela estabilidade é o que Duarte (1978) chama de *cristalização do impulso da subsistência* que permeia todo ser humano e fica muito mais visível a partir do momento em que se lida

com uma instabilidade e todos os problemas decorrentes da falta de certeza quanto ao dia de amanhã. Por causa desse quadro as atividades exteriores à pesca têm sido procuradas e até preferidas. A pescaria que até então cooptava um número considerável da força de trabalho, tem sido encarada como uma atividade inferior em relação a trabalho assalariado de outras profissões. A dificuldade de sobrevivência decorrente da falta de perspectiva tem deixado a pesca artesanal de lado como o principal meio de sobrevivência, apresentando-se como uma estratégia a mais na árdua tarefa de garantir o sustento de muitas unidades familiares. A negatividade em relação às atividades pesqueiras reflete um abandono histórico desse setor, principalmente a pesca artesanal, por parte do Estado Brasileiro. Esse quadro fica ainda mais visível e paradoxal quando percebemos que a pesca artesanal responde por mais de três quartos da produção nacional e em alguns estados chega a representar noventa por cento da produção total de pescado. Diegues (1983:3) no final da década de 60 se refere à pesca como *um setor esquecido da divisão social da produção*. Em meados de 2008 a pesca continua um setor produtivo (e muito produtivo) esquecido. O quadro parece que não mudou. Esse grau de esquecimento pode explicar, num certo sentido, a invisibilidade com que pescaria, pescadores e questões pertinente a categoria não são percebidas. No que Leitão (1997) chama de *invisibilidade destes, enquanto, profissionais e cidadãos*.

É a partir desse contexto inicial que partimos para tentar entender de que forma os problemas relacionados à dificuldade de reprodução social desses pescadores artesanais e toda negatividade com que a pescaria enquanto atividade produtiva tem sido encarada, refletem nas relações de gênero dentro dessas comunidades.

A pesca é uma atividade eminentemente masculina. Essa afirmação é um consenso na literatura acadêmica que trata da temática pesqueira. As variáveis, força e resistência, se apresentam no discurso como características masculinas e legitimam ideologicamente os homens enquanto agentes capazes.

Sobre esse fato Motta Maués escreveu ao estudar a pesca Paraense: *A pesca é uma atividade essencialmente masculina, dela não podendo participar, em hipótese nenhuma, as mulheres* (Motta-Maués 1993:82-83). Ainda sobre o tema, Diegues estudando a pesca no litoral Paulista também percebeu isso ao escrever que *A pesca era uma atividade eminentemente masculina, ainda que em alguns lugares a mulher participasse na puxada da rede* (Diegues 1983: 181). Homens e mulheres têm papéis bem delimitados na divisão sexual do trabalho dentro de uma comunidade pesqueira. Aos homens fica reservado o dever de garantir o sustento da casa indo ao mar, enquanto as mulheres ficam com a educação dos filhos e cuidando da casa em terra. A identidade de pescador é uma identidade masculina. Ora, a percepção de uma identidade do grupo passa pela construção de uma identidade masculina. A percepção do masculino

enquanto universo total e a percepção de uma invisibilização do feminino ou seu status de auxiliar do universo masculino é um exemplo *sui generis*.

Essa divisão, bipolar, bem simplória, parte de uma visão de mundo que opõe mar/terra e homem/mulher que tem sido usada, e até, tradicionalmente aceita na literatura. Apesar de algumas críticas de Alencar (1991) e Worttman (1992), essa visão concorre para a não percepção das mulheres enquanto agentes produtoras e para o mito da invisibilidade feminina dentro do universo pesqueiro. Uma explicação bipolar ressalta essa divisão nítida e marcada onde é reificada a pretensa invisibilidade da mulher na pesca.....

A alternativa crítica a essa visão bi-polarizada é a da análise feita a partir de uma perspectiva que dê ênfase na interação entre homens e mulheres, “na variedade das atividades, na cooperação entre homens e mulheres e no ponto de vista das mulheres, a bipolaridade se decompõe e se relativiza” (Woortmann 1992:42). Mesmo com a adoção de uma perspectiva mais crítica e menos polarizada alguns espaços bem delimitados não deixam de serem “vistos” e percebidos como tipicamente masculinos. Às mulheres fica reservado o espaço da coleta de mariscos, moluscos, algas, camarão e coisas que se pode pegar na beira de praias, lagos e rios, ou seja, o extrativismo em geral. Até porque esses são considerados *não-peixes* na definição de Mariza Peirano (1975). Ora, se são *não-peixes*, então, o que as mulheres fazem pode ser chamado de uma não-pesca, no máximo uma complementação do trabalho masculino ou reforço alimentar para a família. A exposição até aqui tenta apresentar um quadro geral e resumido sobre a situação da pesca artesanal e seus problemas, principalmente, nas duas comunidades estudadas e o caráter predominantemente masculino dessa atividade.

Todos esses problemas que afetam a economia pesqueira refletem no universo simbólico de forma significativa como observou Maldonado (1994), por exemplo, a constituição de um mestre, sua tripulação, e a superstição em torno dessas figuras, os dias em que não se pode pescar e, se o elemento feminino, considerando as proibições e prescrições que regularmente as colocam como elementos que em contato com barco, botes, canoas e apetrechos de pesca, dão azar ou não. Toda essa cosmologia está estruturada simbolicamente por uma série de ritos e mitos que legitimam no plano ideológico essas atitudes assentada em um universo masculino.

A despeito de todas as dificuldades encontradas para a reprodução social do pescador, uma variável nova e bastante singular surge na análise das atividades pesqueiras em Costinha e Acaú. O elemento feminino em um universo simbólico marcado pela predominância do homem e da masculinidade. Em que sentido percebe-se a emergência do elemento feminino? No sentido de se perceber em alguns espaços a presença de mulheres onde até então seria

inaceitável como, por exemplo, numa tripulação de oito pessoas dentro de uma canoa que pesca de arrasto na praia na comunidade de Costinha. Ou em um mergulho de compressor na captura de lagosta na comunidade de Acaú. Todos esses espaços são espaços masculinos por excelência qualquer que seja a perspectiva adotada, por mais que se tenha uma perspectiva ampliada de pesca e, se consideramos que as atividades de coleta e extrativismo animal como uma atividade pesqueira dentro desta noção ampliada da pesca artesanal.

Essas modificações vêm re-definindo papéis sociais, tornando a mulher uma agente produtora importante para o sustento da casa, chegando à pesca, área até então exclusiva dos homens. Passando da dependência à complementaridade, tocando inevitavelmente em zonas de conflito com os homens questionando e re-definindo a masculinidade de seus companheiros e desigualdades de gênero. A ascensão do feminino na pesca é o aspecto maior de toda essa mudança. A pergunta que surge é: como toda essa mudança gera um contra discurso que primeiro nega as proibições anteriores e, segundo, legitima o feminino enquanto agente capaz? A resposta das pessoas envolvidas não diretamente nesse plano parece um tanto simplória e aponta para uma mudança estrutural ou global mais amplo que os seus universos. As respostas são do tipo: “as coisas estão mudando” ou “antigamente que se via essas coisas” ou ainda mais “hoje as coisas estão mais avançadas”. Alguns discursos masculinos a respeito da força como variável masculina e que legitimaria o homem enquanto agente produtor uno e naturalmente inclinado pra pesca se desfaz a um olhar mais atento.

Na comunidade de Acaú uma mulher faz a captura da lagosta de compressor atividade tão perigosa que opera uma seleção natural entre aqueles que tem coragem de praticá-la ou não. Sendo ela muito respeitada por isso. Na comunidade de Costinha a pescadora que participa da pesca no bote, ora ao puxando a rede, ora remando com mais seis homens, visivelmente tem mais força física que a maioria dos outros homens envolvidos no processo inteiro. Mas na hora da partilha do peixe o seu quinhão equivale ao de uma criança que deu uma “ajudinha”. Esse fenômeno sugere que, se no nível simbólico as distancias ou a separação entre o masculino e feminino estão menores, quando a análise parte pro nível econômico, as distâncias são as mesmas. A separação ainda é grande e opera de forma violenta na hora da partilha. Igualando mulheres a crianças em termos de capacidade produtiva. Por mais que uma mulher realize o mesmo trabalho sob as mesmas condições que os homens na hora da partilha seu estatuto é diferente e inferior. Wortmam ilustra bem ao dizer : “A classificação do espaço, opondo o mar à terra, é central para a identidade do grupo como um todo, e corresponde à oposição homem/mulher. Ela não é uma oposição simétrica, mas hierárquica, pois implica relacionar a parte com o todo. Mais que uma oposição lógica, é uma oposição ideológica (...). A atividade do homem-pescador é completa porque ele “é” a comunidade total, pois a identidade

masculina constitui a identidade do grupo (...) (Woortmann 1992: 58). Enquanto que a identidade feminina é um reflexo ou apêndice da masculina.

Ao falar de uma hierarquia percebe-se bem a relação entre masculino e feminino dentro do universo pesqueiro como um todo e a superioridade de um em relação ao outro. O universo masculino dentro das atividades pesqueiras “relega ao silêncio o ponto de vista feminino, mesmo quando as atividades das mulheres são cruciais para a reprodução social do grupo como um todo” (Woortmann 1992: 42). Ao falar dessas duas pescadoras que participam do universo masculino em duas comunidades distintas, podemos pensar imediatamente que se trata de um fenômeno específico, bem localizado, e talvez isolado.

Mas o quadro não é este. Trata-se de atitudes que de certa forma se chocam, desconstroem ou que pelo menos questionam estruturas sociais assentadas em crenças e símbolos há muito tempo dadas baseadas na ideologia do masculino enquanto único agente legitimamente capaz de participar desta atividade produtiva.

Para concluir não se trata de perceber o local das mulheres dentro de uma comunidade pesqueira, até porque já sabemos o local das mulheres na divisão sexual do trabalho, mas de perceber a presença delas em espaços tipicamente masculinos dentro dessa mesma divisão sexual e se esses fatos são representativos de uma mudança significativa dentro das relações sociais ou resultado de esforços individuais bem localizado.

É o que nos propomos a investigar no desenvolvimento desta pesquisa.

Bibliografia

ALENCAR, Edna F., 1991, *Pescadeiras, Companheiras e Perigosas. Um Estudo sobre a Pesca Feminina em Lençóis*, Brasília, UnB (dissertação de mestrado).

BRITTO, Rosyan Campos de Caldas, 1999, *Modernidade e tradição: construção da identidade social dos pescadores de Arraial do Cabo (RJ)*. Niterói: EdUFF

DIEGUES, Antônio Carlos S., 1983, *Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar*, São Paulo, Ática.

DUARTE, Luiz Fernando D., 1978, *As Redes do Suor: a Reprodução Social dos Trabalhadores da Produção do Pescado em Jurujuba*, Rio de Janeiro, EDUFF.

LEITÃO, Wilma M., 1997, *O Pescador Mesmo. Um Estudo sobre o Pescador e as Políticas de Desenvolvimento da Pesca no Brasil*, Belém, UFPa (dissertação de mestrado).

MALDONADO, Simone C., 1994, *Mestres & Mares. Espaço e Indivisão na Pesca Marítima*, S. Paulo, Annablume.

MOTTA-MAUÉS, Maria Angelica, 1977, *“Trabalhadeiras” & “Camarados”: Um Estudo sobre o Status das Mulheres numa Comunidade de Pescadores*, Brasília, UnB (dissertação de mestrado).

PEIRANO, Mariza G., 1975, *A Reima do Peixe: Proibições Alimentares numa Comunidade de Pescadores*, Brasília, UnB (dissertação de mestrado).

WOORTMANN, Ellen F., 1992, “Da Complementaridade à Dependência: Espaço, Tempo e Gênero em Comunidades ‘Pesqueiras’”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 18.